

Favelização à toda em Arraial do Cabo

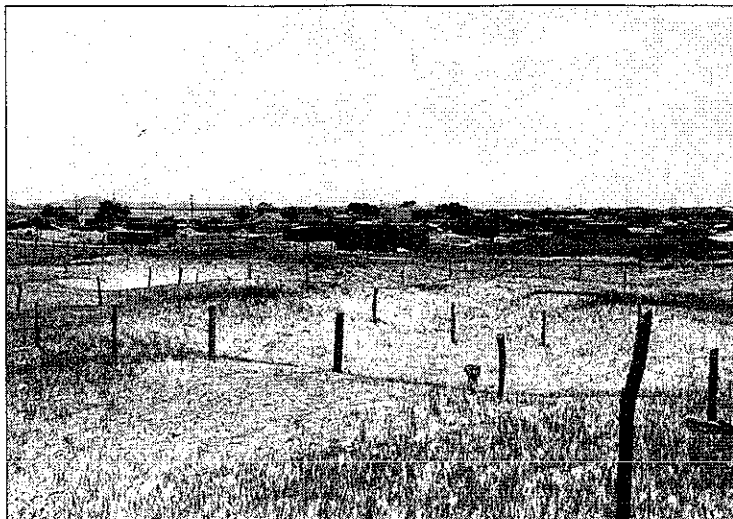
Barracos chegam aos costões rochosos e ameaçam áreas de preservação

Taís Mendes

• Um dos mais belos santuários ecológicos do estado, Arraial do Cabo vem passando por um acelerado processo de favelização. A ocupação desordenada de áreas de preservação já destruiu restingas, mangues e vegetações de mata atlântica. Nos últimos dois anos, a proliferação de favelas tomou impulso e ultrapassou os limites dos morros que cercam o município, chegando aos costões rochosos: na Praia Grande, uma das mais belas da região, 50 barracos foram construídos em cima das pedras, formando um cenário surpreendente de degradação ambiental que ameaça a Reserva Extrativista Marinha Pesqueira, a primeira do Brasil.

Esgoto já contaminou lençol freático

Na Área de Proteção Ambiental (APA) de Massambaba, uma grande faixa de restinga entre a Lagoa de Araruama e o mar, a situação é ainda mais crítica. Além de loteamentos irregulares numa área de cinco quilômetros quadrados de mata costeira e brejos, cerca de 300 barracos ocupam um quilômetro quadrado dentro dos limites da APA. Ao todo, são cerca de dez mil pessoas despejando esgoto no lençol freático que, segundo análi-



ESTACAS DEMARCAM loteamento clandestino em Arraial do cabo

ses, já está contaminado.

Os flagrantes da destruição estão por todos os cantos da APA. Nos distritos de Monte Alto e Figueira, a cinco quilômetros do Centro de Arraial, casas foram construídas no alto de dunas, em cima de brejos e ao longo da restinga. Salinas foram aterradas para dar lugar a loteamentos irregulares. Na beira da estrada, uma loja de material de construção devastou um trecho de restinga para instalar uma fábrica de blocos de concreto ao ar livre. Seguindo em direção de Figueira, os invasores improvisaram uma rede elétrica, com postes de madeira e um emaranhado de fios que se estendem por três quilômetros. Em vários trechos, os fios ficam distantes

do asfalto apenas um metro.

Um lote de 250 metros quadrados numa área nobre, entre a Lagoa de Araruama e o mar, chega a ser vendido por R\$ 500. Segundo denúncias de moradores, policiais civis, vereadores e fiscais da prefeitura estão envolvidos na venda ilegal das áreas.

— Tem vereador vendendo áreas irregulares. Mas, sem a ajuda dos moradores, que não denunciam quem são, nada podemos fazer. O Ministério Público sabe disso, mas não tem provas — comentou o prefeito de Arraial, Henrique Melman.

O promotor Luciano Mattos de Souza, de Cabo Frio, confirmou que o MP acumula dezenas de inquéritos policiais so-

bre os responsáveis pelas invasões. Na Delegacia de Meio Ambiente, 15 nomes vêm sendo investigados.

— Lamentavelmente, a área está se transformando num favelão. Mas agora vamos agir com mais rigor e tentar preservar o que ainda não foi invadido. Vamos demarcar as áreas e cadastrar os moradores — disse o promotor, que na semana passada criou uma frente de trabalho reunindo representantes do estado, da prefeitura e do MP.

Muro privado tenta conter ocupação irregular

No Centro de Arraial, a favelização está estampada logo na entrada da cidade e ameaça áreas de preservação. Parte do Parque Municipal da Praia do Forno vem sendo invadido pelos moradores do Morro da Cabocla. No Morro da Caixa D'água, a ocupação irregular foi contida por um muro, erguido pela iniciativa privada para impedir que barracos fossem construídos numa área de vegetação ainda preservada.

O prefeito reconhece os problemas, mas há três meses está para fazer cumprir uma decisão judicial que determina a retirada dos 50 barracos erguidos no costão:

— Como vou derrubar os barracos com 50 guardas municipais desarmados? ■

Marco Antonio Cavalcanti

